

O candidato presidencial mais antigo

LIANA SABO

Leonel de Moura Brizola se distinguiu nessa eleição, disputada por mais vinte e um candidatos, por várias particularidades. Uma delas é a de ser o mais antigo candidato à presidência da República, até mesmo que o doutor Ulysses. Há exatos 25 anos que o "Engenheiro", como é conhecido Brizola, se prepara para chegar ao Poder.

Em 1964, de olho na sucessão de João Goulart, de quem sua mulher Neuza é irmã, ele lançou o slogan "cunhado não é parente" para completar com "Brizola para Presidente". Estava armada a corrida sucessória com os grandes "cardeais" da política daquele tempo: Juscelino Kubitschek, que pretendia voltar ao governo em 1965; Carlos Lacerda, o grande tribuno **udenista**, liderando a oposição e o **populista** Adhemar de Barros, candidato do Partido Social Progressista.

Veio o golpe militar que sepultou as quatro candidaturas e começou uma "caça às bruxas", da qual Brizola foi o principal alvo, acusado pelo novo regime de provocar agitação e patrocinar a subversão. Deputado federal pelo PTB do Estado da Guanabara, depois de ter sido governador dos gaúchos, Brizola se refugiou no Rio Grande do Sul na casa de uma velha amiga e correligionária, Tereza Tarragô, diretora de um internato rural distante 500 quilômetros de Porto Alegre, onde ficou poucos dias até conseguir fugir para o Uruguai. Essa professora, amiga íntima do governador e de Dona Neuza, que morreu cega em 1984, se vestia com simplicidade: invariavelmente saia e blusa cáqui, num estilo parecido com o hábito usado pelas religiosas. Daí a lenda de que se fala até hoje, que Brizola esteve num convento e fugiu vestido de freira.

No Uruguai, Brizola enfrentou o período mais difícil de sua vida. Viveu treze anos no exílio, dos quais seis em regime de confinamento. Devido a articulações que começaram em Brasília, o governo uruguaio em 1977 decidiu expulsá-lo de seu território. Duas outras cidades se sucederam no exílio do ex-governador gaúcho, que aproveitou sua permanência na Europa para se aproximar das grandes lideranças da Internacional Socialista, onde cultivou amigos importantes como Willy Brant, Mario Soares, Olaf Palme e muitos outros.

Com o a anistia conquistada no Governo Figueiredo, Brizola pôde então retornar ao Brasil, em 1979, mas ao chegar aqui

AJB



Brizolista triste no Rio, ontem: uma liderança que desperta emoção

encontrou em andamento uma manobra política arquitetada pelo general Golbery do Couto e Silva que tirou de suas mãos a bandeira do PTB, passando-a para Ivete Vargas.

Nenhum outro exilado político brasileiro provocou tanto entusiasmo em seu retorno como Leonel Brizola. Ele escolheu São Borja, terra natal de Getúlio Vargas, de quem se sente herdeiro político, como primeira escala da viagem de volta, depois de ter entrado no País via Foz do Iguaçu. O que os gaúchos viram, naquele dia de primavera de 1979, não foi o incendiário, banido pelos militares, que, em 1961, depois da renúncia de Jânio Quadros, sustentou das sacadas do Palácio Piratini, sede do executivo estadual, apenas com a voz e gestos largos, um movimento de resistência ao poder central em Brasília, contrário à posse de João Goulart. O episódio conhecido como "guerra da legalidade" durou alguns dias até que Jango retornasse de uma viagem à China e tomasse o poder a 7 de setembro de 1961, garantido por uma emenda parlamentarista que lhe tirou boa parte dos poderes presidenciais.

Quinze anos mais velho, surge um novo Brizola encanecido e moderado, depois de ter trocado a posição de esquerda radical pela retórica dos socialistas internacionais, aqui batizada por ele de "socialismo moreno". Brizola se fixou no Rio, onde tinha domicílio eleitoral e três anos mais tarde, já com a

legenda do PDT, elegeu-se governador dos cariocas contra a máquina **chaguiste** que tentou eleger Miro Teixeira.

Sua maior obra na administração do estado do Rio foi a criação dos CIEPs, um complexo educacional completamente gratuito que também fornece refeições, lazer e esporte exclusivamente para crianças carentes. Apesar disto, o governador saiu desgastado e não conseguiu fazer seu sucessor. Durante a campanha do candidato do PDT, professor Darci Ribeiro, Brizola deu várias mostras de seu estilo agressivo e **populista**. Nos palanques, imitou Moreira Franco, a quem chamava de "gato angorá". De outra feita, num comício em Itaipu, próximo a Niterói, falando para trabalhadores descalços, lembrou que, como eles, também tinha os dedos dos pés arreganhados. Mas esta forma, concluiu Brizola, era justamente o "V" da vitória.

Acusado de não ter programa de governo, nessa eleição, Brizola explicou que isto se faz ao longo da campanha em consulta com os eleitores, e por isso está certo de chegar à reta final com o programa na cabeça. É exatamente na cabeça de Brizola que resilem os rumos do partido. Se o PDT não souber ou não quiser e coligar com outros partidos, preferindo manter a linha personalista de seu criador, Brizola corre o risco de passar os próximos cinco anos na condição de "exilado interno".